

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

MARIELE MAGALHÃES JACQUES

**A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE PERMANÊNCIA DO JOVEM NO
CAMPO**

Porto Alegre

2011

MARIELE MAGALHÃES JACQUES

**A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE PERMANÊNCIA DO JOVEM NO
CAMPO**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como quesito parcial para obtenção do título Tecnólogo em Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Me. Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin

Coorientador: Tutor Me. João Daniel Dorneles Ramos

Porto Alegre

2011

MARIELE MAGALHÃES JACQUES

**A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE PERMANÊNCIA DO JOVEM NO
CAMPO**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como quesito parcial para obtenção do título Tecnólogo em Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof. Me. Cléia Margarette Macedo da Costa Tonin - orientadora
Instituto Federal Farroupilha

Prof. Dr. Fábio de Lima Beck
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Me. João Daniel Dorneles Ramos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 26 de agosto de 2011.

Dedico este trabalho aos meus pais Eder e Sonia que com muito trabalho, incentivo e dedicação investiram no meu futuro e tornaram possível um sonho que se realiza com a conclusão deste curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, saúde, família e pelo ensejo de estudo que colocou no meu destino.

Aos meus pais Eder e Sonia por me oferecer uma vida digna oportunizando um estudo de qualidade, por dedicar todo o amor, carinho e diálogo necessário para a construção do caráter e da bondade de um filho. E graças a Deus hoje, como sempre, estão ao meu lado para colher o que me ajudaram, com tanto incentivo, a plantar.

Aos meus irmãos Everton e Manuelli pela paciência que tiveram comigo no decorrer de todo o curso, onde as disputas pelo computador eram inevitáveis e necessárias para a realização de minhas tarefas do curso.

Ao meu avô Albino e minha avó Magnólia pelo compartilhamento de seus conhecimentos e experiências vividas, o que me ajudou e muito a ser o que me tornei hoje.

A minha avó Potoca, que hoje não está aqui, mas tenho certeza que sempre está me guiando para o melhor caminho, agradeço pela alegria contagiante e pelo carinho.

A meu namorado Marcelo pela compreensão destes anos que me dediquei ao curso e que, por muitas vezes, faltei ao seu lado, onde sempre manteve a paciência e compreensão.

As tutoras presenciais Débora e Deusi que estiveram desde o início ao fim ao meu lado nesta caminhada, que com muito carinho e determinação sempre me motivaram a seguir em frente, mesmo quando tudo parecia tão difícil.

Ao meu ex-colega La Hire que com muita dedicação abdicou, no início do curso, de seu tempo para me explicar as matérias que eu não conseguia compreender.

Ao tutor João Daniel que na reta final do curso me auxiliou bastante no TCC e que sempre ao final de cada correção da minha monografia escreveu palavras de incentivo que me tranquilizaram.

A UFRGS por investir nos cidadãos de Quaraí, disponibilizando cursos de qualidade e gratuitos no interior do Estado do Rio Grande do Sul, oportunizando o ensino superior a esta população tão distante de sua matriz que antes desta iniciativa tinha que viajar para cidades vizinhas para poder estudar e arcando com todas as despesas.

RESUMO

Nestes anos de estudo percebi que o futuro dos pequenos produtores no meio rural depende muito da permanência dos jovens (filhos, netos, etc) no campo, mas por vários motivos os jovens estão migrando para a zona urbana. Portanto o presente trabalho foi desenvolvido para observar se a educação pode influenciar na permanência dos jovens no meio rural. Este estudo é realizado no município de Quaraí/RS e tem como campo de pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Tubino localizado na zona rural deste município. No decorrer do trabalho utilizei a pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, onde realizei entrevistas com alunos e professores desta escola. Neste trabalho o êxodo rural tem destaque, assim como suas causas e consequências sociais, ambiental e econômico, que prejudicaram tanto a área rural como urbana do Brasil.

Palavras chave: Educação, Jovens, Êxodo rural, Quaraí/RS

ABSTRACT

In these years of study I realized that the future of small producers in rural areas depends largely on the permanence of young people (children, grandchildren, etc.) in the field, but for various reasons young people are migrating to urban areas. Therefore the present study was designed to see whether education can influence the persistence of rural youth. This study is conducted in the municipality of Quaraí/RS and its field of research E.M.E.F. John Tubino located in this rural county. During the study used qualitative research, exploratory and literature, which conducted interviews with students and teachers of this school. This work has highlighted the rural exodus, as well as its causes and consequences of social, environmental and economic, which undermined both rural and urban area of Brazil.

Keywords: Education, Youth, Rural

exodus,

Quaraí/RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Fachada da E. M. E. F. João Tubino	23
Figura 02 – Jardim da escola	24
Figura 03 – Alunos trabalhando no jardim	24
Figura 04 – Jardim	25
Figura 05 – Jardim	25
Figura 06 – Alunos realizando a separação do lixo	26
Figura 07 – Alunas realizando a coleta seletiva nas salas de aula	27
Figura 08 – Alunas depositando o lixo orgânico no minhocário da escola	27
Figura 09 – Alunos trabalhando no minhocário	28
Figura 10 – Estufa	29
Figura 11 – Estufa	30
Figura 12 – Alunos trabalhando na horta	30
Figura 13 – Alunos trabalhando na estufa	31
Figura 14 – Diretora Sonia observando os canteiros da estufa	32
Figura 15 – Pimentões produzidos na estufa	32
Figura 16 - Alfaces produzidas na horta sendo preparados para a merenda escolar pela merendeira Marta	33

LISTA DE ABREVIATURAS

CONTAG	– Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
EAFA	– Escola Agrotécnica Federal de Alegrete
E. M. E. F.	– Escola Municipal de Ensino Fundamental
FEE	– Fundação de Economia e Estatística
GUT	– Grau de Utilização da Terra
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	– Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ONU	– Organização das Nações Unidas
PIB	– Produto Interno Bruto
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RS	– Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – ÊXODO RURAL E EDUCAÇÃO	16
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ/RS	21
CAPÍTULO III – PESQUISA DE CAMPO	35
CAPÍTULO IV – PROJETO “FAMÍLIAS INSERIDAS NO CONTEXTO ESCOLAR” DA E.M.E.F. JOÃO TUBINO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE	45

INTRODUÇÃO

A taxa da população analfabeta rural no Brasil, maiores de 15 anos, é de aproximadamente 22,8%, segundo dados coletados em 2009, pelo PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2010, sendo que a região Sul possui a menor taxa de analfabetismo rural do País, em torno de 9,6%. No estado do Rio Grande do Sul, a taxa de analfabetismo da população rural, também com mais de 15 anos, é de 7,5%, sendo que no meio urbano esta taxa cai para 4,6%.

No Brasil a educação no campo é caracterizada por possuir docentes sem habilitação para exercer a profissão e também pelo funcionamento precário. Um dos sérios problemas enfrentados nas áreas rurais é o desleixo do Estado para com esta esfera da educação, isto justifica o elevado grau de analfabetismo existente nestas áreas.

Segundo Anna Isabel Costa Barbosa¹, professora de licenciatura no campo, em entrevista concedida à Agência Brasil, “a população do campo está historicamente fora do pensamento educacional brasileiro. Nas faculdades de educação, o sujeito do campo não é enxergado. A visibilidade é uma coisa muito recente na universidade” (BARBOSA, 2010). Com este relato, ela deixa claro que é urgente a necessidade de políticas públicas voltadas ao benefício do estudante do campo, tanto no âmbito inicial como no profissionalizante.

Devido ao difícil acesso à educação de qualidade, os moradores do meio rural permanecem com pouco ou nenhum grau de escolaridade. Isto, às vezes, leva os proprietários a negociar suas terras por não saberem administrar seu negócio e seus filhos vão para a cidade à procura de uma vida melhor.

Esta falta de compromisso com a educação rural resulta muitas vezes no que é considerado um dos sérios problemas existentes hoje na região do município de Quaraí, localizado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, que é o êxodo rural jovem, pois, conforme registros do IBGE, a população rural do município está em aproximadamente 6% e esta população está se tornando cada vez mais idosa.

O jovem sai do campo para trabalhar na cidade em empregos inseguros e muitas vezes informais, deixando para trás a propriedade de sua família onde poderia trabalhar e, além de estar ajudando a sua família, poderia também sustentar-se, crescer e dedicar-se a melhorar

¹ Disponível em: <http://www.campanhaeducacao.org.br>

cada vez mais a qualidade de vida e o patrimônio da família, aplicando o conhecimento adquirido no decorrer de seus estudos.

No município de Quaraí existem cinco escolas rurais, localizadas em distintas regiões da área rural, onde três dessas são chamadas escolas isoladas e possuem até a 4ª série do ensino fundamental e as outras duas possuem até a 8ª série. Neste contexto, constatei que há diversos tipos de professores: os que residem na cidade e se deslocam de segunda a sexta-feira para a escola e os que vão às segundas e só retornam na sexta-feira para casa. Inseridos neste contexto escolar rural, temos crianças e adolescentes que possuem a oportunidade de cursar até a 8ª série do ensino fundamental e, após a conclusão do ensino fundamental, o município arca com despesas de transporte para que estes jovens concluam o ensino médio em escolas da cidade.

Mas, como outra opção de ensino na região, encontra-se o Instituto Farroupilha, antiga EAFA – Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, que disponibiliza cursos técnicos a nível fundamental, médio, superior, pós-graduação e extensão, onde os estudantes têm, além das matérias comuns do currículo escolar, aulas práticas e teóricas em diversas áreas como agropecuária, agroecologia, piscicultura e informática.

Referente à Revolução Verde, um dos fatores que desencadeou o êxodo rural, Moreira destaca que:

A crítica social do modelo da Revolução Verde é uma crítica da própria natureza do capitalismo na formação social brasileira e da tradição das políticas públicas e governamentais que nortearam nossas elites dominantes, seja na área econômica, seja no próprio campo político de definição de prioridades. Nos anos 70 e 80, é também uma crítica ao modelo concentrador e excludente da modernização tecnológica da agricultura brasileira, socialmente injusto. (MOREIRA, 2000, p. 04)

A Revolução Verde ao mesmo tempo em que concentrava poderes e desenvolvia setores para os capitalistas, também excluía os poucos favorecidos financeiramente deste sistema. Isso fez com que várias famílias saíssem do campo e fossem para o meio urbano, ocasionando na favelização, diferenciação do estilo de vida, concentração de renda, crescimento nos custos produtivos devido ao uso abusivo de produtos químicos, entre outros.

A ideologia do governo de Juscelino Kubitschek de desenvolver 50 anos em cinco, aniquila a vocação agrícola de todas as gerações, pois nesta meta inclui-se a extensão do urbano, exigindo o fim do campo e, conseqüentemente, do camponês. (DAMASCENO E BESERRA, 2004, p. 75)

Este fato marcou o Brasil pelo “empurrão” do trabalhador rural para a periferia da cidade. Hoje a situação do pequeno produtor está melhorando, mas é difícil para ele ficar trabalhando sozinho no campo por toda a vida, por isso ele precisa do auxílio dos filhos. A

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - apresenta que as condições impostas no interior do país forçam a saída desses jovens, estas condições adversas são principalmente a insegurança do preço dos produtos e o acesso ao crédito.

Com essa situação o jovem decide ir para a cidade em busca de emprego e oportunidade de estudo. Segundo uma pesquisa sobre o êxodo rural realizada com 11 comunidades da região do município de Sarandi/RS pelos alunos da Escola Padre Manoel Gonzales, nos últimos 10 anos, 91% dos filhos das famílias residentes na área rural estão na cidade, conseqüentemente os idosos são a maioria dos residentes no campo, conforme divulgação realizada pela assessoria de imprensa desta escola no ano de 2010.

Eliete Ávila Wolff apresenta que é muito importante uma educação voltada para o acesso a terra e não para o trabalho industrial urbano (WOLFF, 2007). Frente a isto, será que uma escola rural com o uso de metodologias distintas consegue manter este jovem no meio rural?

Seguindo esse pensamento, o problema desta pesquisa é: A educação nas escolas rurais no município de Quaraí tem contribuído para a permanência do jovem no campo?

Este estudo objetiva analisar se as escolas rurais do município de Quaraí têm contribuído para a manutenção dos jovens no campo. Para atender ao objetivo geral, foi realizada pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Tubino, onde busquei desenvolver os seguintes objetivos específicos:

Analisar se as escolhas feitas pelos alunos rurais em continuar no campo ou não são referentes à escola que estudam;

Identificar se existem ações direcionadas para a permanência do jovem no campo;

Justificando-se esse estudo devido à importância que este tipo de escola tem no campo. Sem o acesso ao estudo, mesmo com dificuldades, e às vezes, com falhas, estes jovens não almejarão o crescimento e isto resultaria em uma área rural pobre em conhecimento.

Referente a estudos realizados no Brasil sobre Educação Rural, temos a proporção média de 12 (doze) trabalhos de Educação Rural para 1.000 (mil) trabalhos em outros temas, uma das causas para este desinteresse pelo tema Educação Rural é a falta de investimentos do Estado, por este ter interesse em outras áreas e direcionar as universidades aos interesses do próprio Estado (DAMASCENO E BESERRA, 2004).

Tendo conhecimento da marginalização do tema em estudo para com o Estado, vejo como uma oportunidade de aumento na média de estudos sobre Educação Rural, pois acredito que a Escola Rural é de grande valia para o campo e para o Estado do Rio Grande do Sul e,

principalmente para a região oeste deste Estado, onde a renda dos municípios é baseada na produção agrícola.

Existem poucos estudos sobre a história da Educação Rural, e isto não é um problema só da região Sul, pois todas as regiões do Brasil sofrem com esta falta de dados e mais uma vez “entra em campo” o Governo que não subsidia concurso ou programas específicos nesta área.

Acredito que para os municípios desta região é importante que as atividades rurais continuem e para isto deve-se investir nos jovens para que estes prossigam o trabalho da família. Se não ocorrer este seguimento da atividade familiar, os grandes produtores tomarão conta da área rural e isto significa um maior número de pessoas migrando do campo para a cidade e dando continuidade ao ciclo ocorrido no governo Juscelino Kubitschek e em outros governos que pautaram seus investimentos nas grandes produções e na industrialização.

Como ressalta Lutzenberger:

No período áureo de nossa colônia no Rio Grande do Sul, anos 30, o colono poderia não ter um tostão no bolso, mas sempre tinha mesa farta, vivia muito bem. Não obstante esta realidade, a política agrícola oficial tem sempre apoiado os grandes às custas dos camponeses. Centenas de milhares deles tiveram que desistir e partir para as cidades, freqüentemente para as favelas, ou mais ao Norte, em direção à floresta amazônica. (LUTZENBERGER, 2001, p. 66).

Com o apoio político aos grandes, o mundo rural se desestruturou totalmente, ocorrendo o êxodo rural, onde os pequenos agricultores que não tinham condições de se sustentar no campo foram para as grandes cidades em busca de emprego e melhores condições de vida.

Nos últimos quarenta anos, o perfil da distribuição espacial da população brasileira sofreu profunda alteração. Entre 1940 e 1980, inverteram-se os percentuais das populações rural e urbana, a primeira caindo de aproximadamente 70% da população total para cerca de 30%, enquanto a segunda aumentava de 30% para 70% (PALMEIRA, 1989).

As migrações internas foram as grandes responsáveis pelo crescimento urbano e o IBGE estima que, em 1970, de 30 milhões de migrantes, total acumulado de residentes em municípios distintos daqueles em que nasceram, 21 milhões "se dirigiram para as áreas urbanas" (IBGE, 1979, p.23).

As populações, geralmente os jovens, que nascem em cidades pequenas do interior migram para os grandes centros em busca de oportunidade de estudo e trabalho e acabam não voltando para a cidade de origem.

Estes casos alteram a população tanto do município que ganhou novos moradores como também da que perdeu, estas alterações prejudicam todos os municípios, pois com o crescimento da população ocorre o desemprego, violência e pobreza, enquanto que em outros municípios falta capital para ser investido.

Por estes motivos é que observo a importância da permanência dos jovens no campo e se torna cada vez mais necessários estudos, projetos e ações para que aconteça esta fixação da população jovem no meio rural.

O presente trabalho é estruturado em quatro capítulos onde no primeiro, denominado Êxodo rural e educação, realizo abordagem sobre as principais causas e consequências do êxodo tanto para o meio rural como para o urbano, com destaque para a modernização da agricultura e para o Governo de Juscelino Kubitschek. Neste capítulo também destaco a falta de investimentos do Estado para com a educação rural, onde também há falta de pesquisa e planejamentos.

No capítulo II, Educação no município de Quaraí/RS, descrevo a localização do município, sua população e PIB. Este capítulo contém a distribuição da rede escolar municipal e estadual, com destaque para a E.M.E.F. João Tubino - que servirá de alicerce para este estudo -, onde relato as atividades realizadas na escola, bem como apresento fotografias destas atividades.

Pesquisa de campo é o título do terceiro capítulo onde efetuo descrição dos métodos utilizados e destaco relatos de alunos e professores da escola em questão.

No capítulo IV, intitulado Projeto “Famílias inseridas no contexto escolar” da E.M.E.F. João Tubino, abordo os objetivos do projeto, as tarefas desenvolvidas, cronograma e execução do mesmo.

CAPÍTULO I

ÊXODO RURAL E EDUCAÇÃO

O Brasil se tornou um país urbanizado na segunda metade do século 20, em que mais da metade de sua população passou a residir nas cidades, causando assim o êxodo rural, ou seja, o deslocamento de pessoas da zona rural para a zona urbana, que ocorre quando estes moradores rurais visam melhores condições de vida e mudam-se para a cidade.

O êxodo rural tem, entre suas principais causas, a busca por emprego com boa remuneração, a necessidade de melhores serviços (educação, saúde e transporte), a fuga de fenômenos naturais prejudiciais ao trabalho no campo (secas e enchentes) e a perda de trabalho no setor rural. Este último ocorre em consequência da mecanização da produção, havendo a modernização técnica do trabalho rural, cujas máquinas realizam o trabalho de várias pessoas, precisando somente de um operador para utilizá-la, o que economiza mão-de-obra e, conseqüentemente, ocorre a substituição do homem pela máquina.

Também relacionado à perda do trabalho na área rural, nota-se a estrutura fundiária concentradora, ocorrendo quando os pequenos produtores abandonam o campo para ir para a cidade e vendem suas terras para um produtor maior, resultando na carência de terras para os pequenos produtores rurais, já que é a partir deste ato de exclusão dos pequenos que os grandes crescem e tomam conta do setor rural.

Na década de 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek, o qual utilizava uma política desenvolvimentista, foi realizado um investimento grande na mecanização do campo, o que prejudicou os pequenos produtores. Nesta época, houve também investimentos no mercado industrial, com a abertura do mercado para os outros países, o que gerou a instalação de multinacionais, na maioria das vezes na área da indústria de veículos, as quais montaram suas fábricas em grandes cidades do país.

Este desenvolvimento industrial incontrolável necessitou de grande quantidade de mão-de-obra para trabalhar nas fábricas, no comércio, na construção civil e em vários tipos de prestação de serviços. Esta mão-de-obra veio então de um ambiente que estava fragilizado pelos grandes investimentos de produtores “poderosos”, ou seja, o meio rural. Desemprego, criminalidade, favelização e poluição do meio ambiente são alguns dos problemas ocorridos em consequência do êxodo rural e da industrialização.

Em um rápido histórico populacional, posso notar a grande diferença da população urbana do país antes e depois do governo JK. Em 1940, os habitantes urbanos do país contabilizavam cerca de 30% do total da população do país e nos anos 1970 esta porcentagem passou para 55,9% e nos dias de hoje é de 84,35%, contabilizando 160.879.708 habitantes.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU - as projeções para o Brasil até 2050 é que a porcentagem da população urbana brasileira chegará a 93,6% do total.

Nos países da Europa o processo de urbanização iniciou mais cedo, séculos XIX e XX, e por isto foi menos intenso que o ocorrido no Brasil e foi se desenvolvendo à medida que a oferta de emprego, escola, hospital, moradia e saneamento básico cresciam, isto fez com que eles não tivessem problemas com uma urbanização rápida e descontrolada como a do Brasil. (MIRANDA, 2007)

No Brasil, houve a implantação de programas do Governo para a compra de novas máquinas e, os agricultores entusiasmados, adquiriram suas máquinas sem pensar nas consequências que elas trariam como o êxodo rural, o desemprego, o empobrecimento do solo, ocorrido com o uso excessivo de agrotóxicos e insumos, além de inúmeros problemas ao meio ambiente. Estas são apenas algumas das consequências.

Conforme explica Palmeira:

É difícil pensar a modernização da agricultura conduzida pelo Estado sem pensar as transformações sofridas pelo próprio Estado. É necessário não propriamente elaborar uma teoria do moderno Estado brasileiro, de que os cientistas políticos vêm se ocupando com menor ou maior sucesso, mas procurar indicar, ainda que de modo aproximativo, o que tem sido a ação do Estado no campo, analisar os meios através dos quais essa ação se tem dado e, sobretudo explorar as suas implicações. Mas isso não basta. É preciso pensar o que a simples presença do Estado no campo tem significado. (PALMEIRA, 1989, p. 23)

Como anteriormente citado, o incentivo do Governo para a modernização foi fundamental para esta crise ambiental em que vivemos hoje, onde todas as pessoas procuram soluções para pelo menos diminuir as consequências causadas pela utilização dessas tecnologias. Se o Governo, na época em que lançou a modernização, tivesse pesquisado e procurado saber se esta era uma ação de incentivo que não fosse prejudicial à saúde das pessoas e do meio em que vivem jamais estaríamos nesta situação de emergência ambiental para salvar o planeta.

As cidades que recebem grande quantidade de pessoas, oriundas de outra região, na maioria das vezes não estão preparadas para suportar tal migração, os empregos tornam-se insuficientes, obrigando os migrantes a empregar-se em trabalho informal e, como este tipo de trabalho não possui boa remuneração, eles passam a residir em locais sem boas condições de moradia (favelas e periferia), aumentando, em grande quantidade, a população.

Desde sua invenção a agricultura foi sendo modificada e adaptada ao longo dos anos. A modernização trouxe modificações na forma tradicional de produzir, trazendo o aumento na produção, com a implementação de tecnologia e manejos modernos. É certo que o modo tradicional deveria ter se desenvolvido e aperfeiçoado com todos os conhecimentos e propostas que a modernização trouxe para a atualidade, porém, não necessariamente com toda essa parafernália mecânica que atinge negativamente a sustentabilidade da agricultura.

Frente a isto, o processo de urbanização se deu principalmente pela mecanização do campo que funcionou como uma alavanca para a grande migração das pessoas para as cidades. Também se deve ao processo de urbanização à queda do índice de natalidade, porque no momento em que os moradores do campo migram para a cidade, há a diminuição do número de filhos, pois, um filho no campo é mais um braço para trabalhar e na cidade é uma pessoa a mais para sustentar.

Proveniente desta modernização da agricultura surgem as leis ambientais que, muitas vezes, tem o intuito de preservar o meio ambiente, porém esbarram no desenvolvimento econômico. Um exemplo disto é o fato no qual, por um lado, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA - impõe que a propriedade tenha um determinado índice de produtividade, que se contradiz ao que ocorre, pois se colocarmos um determinado número mínimo de animais por hectare, para que não ocorra a degradação do solo, não se alcançará o Grau de Utilização da Terra (GUT). Por outro lado, os produtores mostram estar conscientes da importância da preservação dos recursos naturais quando se colocam a favor das medidas regulamentadoras das construções de barragens, que são construções mais complexas, da regulamentação da retirada de água dos rios e do cuidado com as embalagens dos defensivos utilizados nas lavouras, que por sua vez devem ser recolhidos às firmas fornecedoras desses defensivos ou encaminhados para depósitos adequados. Eles se mostram conscientes, porém não satisfeitos com a maneira em que são impostas as mudanças, uma vez que há uma generalização, não havendo uma lei ambiental regional, que respeite as características peculiares de cada região, visto que as mesmas leis são aplicadas tanto na região em estudo como na região da Amazônia.

Referente ao processo do desenvolvimento agrário do Brasil, resumidamente, podemos dizer que as políticas indicam para a insustentabilidade como consequência deste desenvolvimento, mesmo assim não há nenhum vestígio de mudança (NOVAES, 2001).

Contrariando o que diz NOVAES (2001) nas últimas décadas surgiram alternativas sustentáveis para a vida no campo, devido a mobilizações de ambientalistas e de movimentos sociais que baseiam-se, principalmente, na modernização do campo para justificarem a

precária , foram criadas e aplicadas técnicas como: a agricultura agroecológica – incorporada principalmente nas produções familiares como alternativa de sustentabilidade econômica, ambiental e social, já que usa técnicas diferenciadas diminuindo o uso de recursos energéticos e mantendo o equilíbrio do meio ambiente; a agricultura orgânica – neste sistema evita-se o uso de agroquímicos e reguladores do crescimento, vale salientar que este tipo de produção pode, sem maiores problemas, ajustar-se a uma agricultura com larga escala de produção.

Uma vez que existem vários problemas e conflitos referentes aos amplos temas de meio ambiente e questão agrária, teríamos que reeducar nosso povo a trabalhar em família e a não desistir de tirar seu sustento do campo.

Com a leitura do estudo de Damasceno e Beserra, percebo que o Estado não investe na educação rural pelo simples fato de que, para exercer o trabalho no campo, não é necessário alto grau de escolaridade, sendo assim a educação rural é deixada de lado (DAMASCENO E BESERRA, 2004).

A falta de pesquisas nesta área é um fator negativo para o desenvolvimento de escolas públicas na área rural e de qualidade, o ensino existente é precário e muitas vezes falta a própria estrutura física para o andamento das atividades.

Um fato que impressiona na educação brasileira é que, mesmo o Governo Federal não fornecendo subsídios iguais para que a população rural tenha a mesma qualidade de educação que possui a população urbana, a Provinha Brasil é aplicada para todos os alunos do 2º ano do ensino fundamental do Brasil. Por ser a mesma prova para todas as escolas, independente de ser ou não da área rural, observando somente o ano cursado pelos alunos, os estudantes de escolas rurais possuem um menor desempenho.

Há de se considerar no caso da avaliação externa que o raciocínio de uma criança da área rural não é o mesmo que o das crianças das escolas da cidade, onde esses são estimulados desde cedo pela família a conhecer letras e números e alguns ingressam na escola sabendo ler e escrever, enquanto que a maioria dos alunos rurais não tem este mesmo incentivo em casa, pois algumas vezes os próprios pais desses estudantes são analfabetos e não possuem o conhecimento exigido para passar para os seus filhos.

A escola rural é planejada a partir da escola urbana e por isso parece tão alienada do meio rural, não se encaixa aos interesses destas áreas (WILLIS, 1991). Frente a isto deve-se repensar na forma de lidar com as instituições educacionais do campo, para que se tenha uma educação voltada para a aprendizagem universal do meio rural e que seja condizente com as demandas e necessidades geradas pelos grupos que ali habitam e que possuem diversas relações.

Mudanças nos conteúdos curriculares e nas funções sociais e pedagógicas destas escolas seriam avanços importantes para este meio tão castigado e prejudicado pelo avanço da tecnologia. Pensando nisso, algumas escolas tomam a liberdade de realizar ações que beneficiem o aprendizado na escola voltado para o ambiente que os estudantes vivem, o meio rural, mas somente com a mobilização de professores e diretores não se podem mudar todos os eixos que precisaria, necessita-se então de atos políticos e institucionais: o Estado tem que sentir a necessidade da mudança para após redefinir as ações promovidas por estas escolas, levando em consideração as necessidades dos alunos.

Devido à carência de políticas públicas na área da educação no campo é que surgem movimentos sociais para reivindicar investimentos para as comunidades rurais, nestes movimentos se enquadra o “Por uma educação no campo” o qual reúne pessoas e instituições que tem uma mesma meta a melhoria na educação no campo.

Neste movimento são elaboradas propostas, das quais incluem as opiniões de todos os participantes, e estes trabalhos são muitas vezes encaminhados a Secretaria da Educação para que sejam tomadas providências.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ/RS

Segundo o Plano Diretor de Quaraí (2006) o município localiza-se na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, na Microrregião da Campanha Gaúcha que, de acordo com o que apresentam Afonso Guerreiro Lima, Riograndino da Costa e Silva, Amir Borges Fortes e Emílio Fernandes de Souza Docca, possui na sua história a marca da cultura indígena, pois estas terras eram habitadas por Jaros, Guenoas, Minuanos e Charruas.

Quanto à extensão, Quaraí possui uma área territorial de 3.147,6 km², limitado pelas coordenadas 29 ° 55' e 30 ° 32'S e 55 ° 39' e 56 ° 40'WGr. (LEMES, 2006), seus limites são: norte – nordeste com o município de Alegrete; noroeste com Uruguaiana; sul - sudeste com Santana do Livramento; leste com Rosário do Sul; e sudoeste com a República Oriental do Uruguai (município de Artigas).

Possui uma população de 23.021 habitantes sendo 21.310 da área urbana (92,57%) e 1.711 da área rural (7,43%), o que ocasiona um índice de urbanização muito acima da média estadual (81,65%) e nacional (84%).

Segundo dados da FEE - Fundação de Economia e Estatística (2008), sendo este o estudo mais recente do PIB do município, Quaraí possui um PIB municipal de R\$ 220.579,00, sendo o PIB per capita de R\$ 9.588,00. Destes valores o setor agropecuário contabiliza R\$ 76.081,00, a administração pública R\$ 40.461,00, a indústria possui participação apenas com R\$ 13.611,00 e o restante refere-se aos serviços e comércio do município.

A produção local volta-se para a pecuária e orizicultura, mesclando essas atividades com a fruticultura. É importante ressaltar que neste município, há presença considerada da prática de atividades rurais em caráter familiar.

A rede escolar presente no município é distribuída conforme o quadro a seguir:

<i>Setor</i>	<i>Matrículas</i>	<i>Docentes</i>	<i>Escolas</i>
Pré-escolar Municipal	514	31	09
Pré-escolar Privada	06	01	01
Municipal Ensino Fundamental	688	63	08
Estadual Ensino Fundamental	2.962	136	08
Estadual Ensino Médio	938	55	02
Total	5.108	286	28

Fonte: IBGE 2009 - Cidades

Compondo a rede escolar do setor de Escolas Municipais de Ensino Fundamental temos a escola Emílio Callo, Gaudêncio Conceição, Tiradentes, João Tubino, Walter Elizalde Osório, Dr. João Vieira de Macedo, Sepé Tiarajú e Nossa Senhora das Graças, sendo as cinco últimas escolas rurais.

As escolas Emílio Callo, Gaudêncio Conceição, João Tubino e Walter Elizalde Osório possuem até a 8ª série do ensino fundamental e o restante possui até a 4ª série do ensino fundamental.

Como alicerce para minha pesquisa, estudei a realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Tubino, assim como seus alunos e professores. A escola foi fundada no dia 27 de março de 1950, localiza-se a 23 km do município de Quaraí/RS, na região do Areal - Passo do Meio e atende alunos de 06 a 17 anos, matriculados de 1º ano a 8ª série, moradores do Sal-Sal, Caty, Areal e em minoria da zona urbana. Os alunos são oriundos de famílias que sobrevivem da agricultura em pequenas propriedades ou prestam serviços em propriedades de terceiros, tendo renda média de um salário mínimo.

Hoje, a escola possui 66 alunos matriculados e conta com um quadro de funcionários com 14 professores, 06 funcionários e 03 motoristas. Sua infra-estrutura conta com 08 salas de aula, sala para a equipe diretiva, secretaria, sala dos professores, cozinha, refeitório, biblioteca, informática, sala para as ferramentas e 04 banheiros.

Ao analisar esta escola observei o cuidado que os membros da escola têm com o meio ambiente. Na entrada se encontra um jardim bem cuidado e, ao ir mais “a fundo” na visita, percebe-se que este cuidado vai além da beleza do jardim, com a montagem da estufa, horta, minhocário e também com a separação do lixo. Estas tarefas são realizadas pelos alunos com o auxílio dos professores e essas atividades possuem dias e horários para serem feitas e cada turma é responsável pelo cuidado, plantio e colheita de seus canteiros e da separação do lixo.

Os alimentos produzidos no local são utilizados para os próprios membros da escola, com a tarefa de complemento alimentar já que é muito difícil uma escola, principalmente da zona rural, receber verduras e legumes frescos para a merenda escolar e todos sabem da importância do consumo destes alimentos para uma dieta alimentar correta e rica em vitaminas.

Questionados sobre o que acham do ambiente escolar, alguns alunos voluntariamente responderam que:

- “Adoro o colégio, os professores e meus colegas”
- “A escola é onde eu aprendo, mas também é onde eu me encontro com os amigos”

- “Neste colégio temos contato com a terra, preservamos o meio ambiente o que eu acho que nas outras escolas não fazem”
- “Gosto muito da escola, das aulas, do recreio e dos colegas”
- “Aprendemos bastante coisa aqui, não só na sala de aula, mas também quando é dia de trabalhar com as plantas”
- “Eu gosto de apresentar trabalhos e de ler os livros que a Professora Rose (bibliotecária da escola) nos empresta”



Figura 01 – Fachada da E.M.E.F. João Tubino.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 02 – Jardim da escola.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 03 – Alunos trabalhando no jardim.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 04 – Jardim.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 05 – Jardim

Fonte: Foto da pesquisadora

A Escola utiliza a mesma matriz curricular das escolas da zona urbana seguindo orientação da equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Mesmo assim são reservadas, no mínimo, 10% da carga horária para atividades referentes ao plantio orgânico.



Figura 06 – Alunos realizando a separação do lixo.

Fonte: Foto da pesquisadora

São trabalhados em sala de aula temas como: importância da coleta seletiva do lixo seco e reutilização do lixo orgânico para o minhocário e composteira; impacto no orçamento familiar; produção de controladores de pragas e fertilizantes.



Figura 07 – Alunas realizando a coleta seletiva nas salas de aula.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 08 – Alunas depositando o lixo orgânico no minhocário da escola.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 09 – Alunos trabalhando no minhocário.

Fonte: Foto da pesquisadora

Também são realizados registros diários de fatos relativos ao plantio cujas providências e/ou soluções muitas vezes são encontradas após muita pesquisa, o que serve de embasamento para produção de texto, construção de tabelas, gráficos e paralelos.



Figura 10 – Estufa.

Fonte: Foto da pesquisadora

Bimestralmente, ou sempre que necessário, os desafios e conquistas desse trabalho são apresentados aos pais e pessoas da comunidade parceiros no projeto da escola.



Figura 11 – Estufa.

Fonte: Foto da pesquisadora

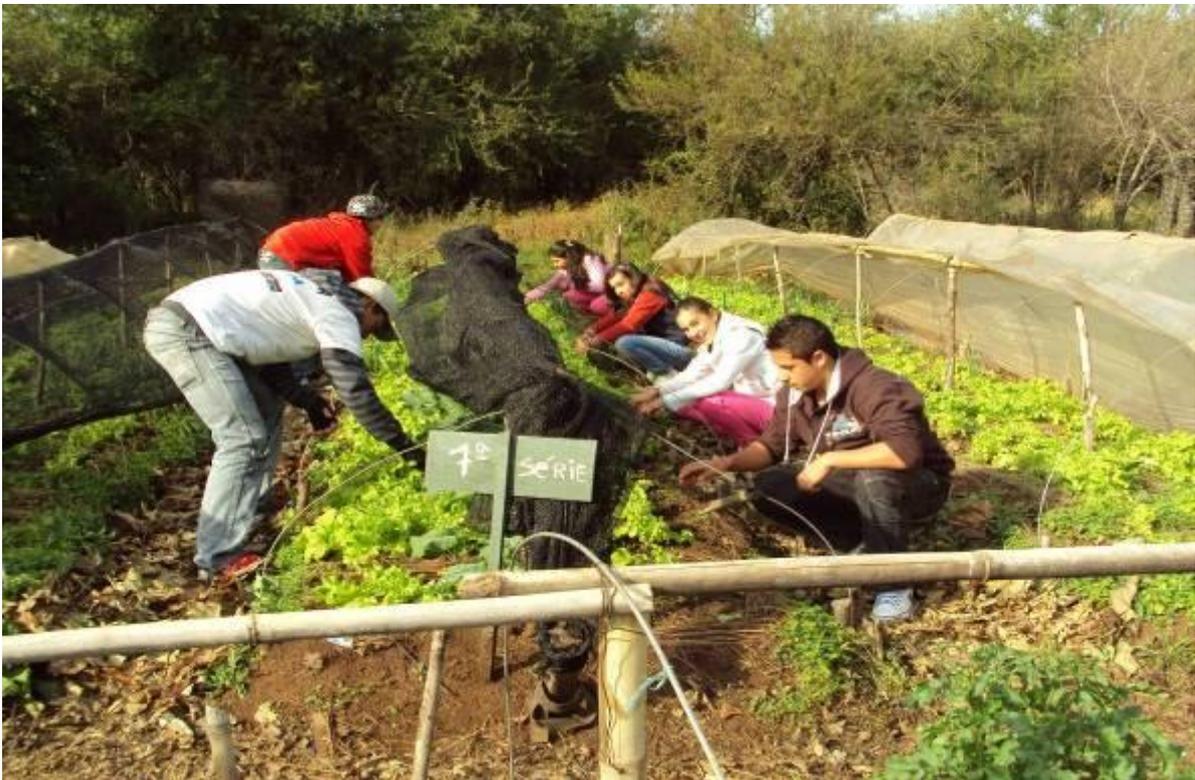


Figura 12 – Alunos trabalhando na horta.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 13 – Alunos trabalhando na estufa.

Fonte: Foto da pesquisadora

Essas ações têm como objetivo valorizar o trabalho no tema, descobrindo que os cuidados com a preservação do meio ambiente e a produção orgânica são fatores importantes para a sustentabilidade.



Figura 14 – Diretora Sonia observando os canteiros da estufa.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 15 – Pimentões produzidos na estufa.

Fonte: Foto da pesquisadora



Figura 16 – Alfaces produzidas na horta sendo preparados para a merenda escolar pela merendeira Marta.

Fonte: Foto da pesquisadora

Os docentes da escola possuem ensino superior completo, mas não possuem cursos técnicos na área de agricultura ou afins, o que seria de grande valia se existisse por parte do poder público e/ou particular a disponibilidade de cursos nesta área já que a escola utiliza 10% de sua carga horária com este tipo de trabalho.

A Escola João Tubino é um ambiente muito agradável, tanto os funcionários como os alunos são pessoas bastante acolhedoras. O trabalho extra-classe de cuidar da horta, estufa,

minhocário e coleta seletiva do lixo é muito bem organizado, além do desenvolvimento destes trabalhos auxiliarem no ambiente escolar – limpeza e aproveitamento do espaço físico da escola -, também auxiliam na preservação da cultura e na construção de conhecimentos tanto para alunos como para professores, onde ambos trocam idéias e levam as experiências para suas vidas.

CAPÍTULO III

PESQUISA DE CAMPO

Para a realização deste trabalho busquei uma escola rural no município de Quaraí que se encaixasse ao tipo de estudo proposto, onde a escolhida foi a E.M.E.F. João Tubino. Já que conheço o trabalho desta há muitos anos, pois minha mãe faz parte da equipe diretiva desde 1999.

Utilizei um aporte bibliográfico como base para a realização deste estudo, conjugando textos de vários autores e pesquisadores, analisando o processo social sofrido pelo Brasil - visando observar as mudanças que resultaram no êxodo rural -, com a observação da escola rural em questão, onde ainda hoje sofre certa desvantagem perante as escolas urbanas pela falta de interesse dos órgãos públicos e privados.

Referente aos métodos de pesquisa, esta é considerada uma abordagem qualitativa, buscando explicar o porquê dos fatos, tornando assim o desenvolvimento da pesquisa imprevisível. Detive-me ao levantamento bibliográfico e a entrevistas, visando não interferir no projeto da escola tomado como estudo de caso. Com a pesquisa de campo, busquei mostrar como se analisa e se vê os processos em desenvolvimento na escola e com a comunidade pesquisada.

Através dos resultados destes procedimentos de pesquisa, busquei analisar se as escolas rurais do município de Quaraí têm contribuído para a manutenção dos jovens no campo.

As famílias dos alunos da E.M.E.F. João Tubino são compostas por pequenos produtores rurais e por trabalhadores que prestam serviço para algum produtor, são pessoas que geralmente vivem do que produzem e, às vezes, possuem aposentadoria que utilizam para aumentar a renda familiar.

Para iniciar o estudo, realizei uma pesquisa de campo na escola em questão utilizando entrevistas estruturadas com 19 alunos de 7^a e 8^a séries com a utilização de perguntas dissertativas e outras de alternativas.

Esta entrevista está constituída de quatro questões, conforme o apêndice deste estudo, onde, na primeira, pergunto se eles (alunos) quando terminarem o ensino fundamental querem ir para a cidade ou ficar no campo com suas famílias, nesta questão obtive respostas

de 14 alunos que desejam ir para a cidade estudar e trabalhar, 04 desejam ficar no campo e somente 01 deseja trabalhar no campo e morar na cidade.

Em conversa com alunos e alunas das turmas de 7^a e 8^a séries, referente às respostas dadas na entrevista relataram que: “não queremos continuar morando no campo, porque na cidade a vida é mais fácil, o trabalho é menos 'pesado', com horários e dias certos de trabalho, começamos na segunda-feira e paramos no sábado e, dependendo do local, na sexta-feira. Temos salário garantido ao final do mês. O trabalho no campo é difícil, e a gente depende muito do tempo que de alguns anos para cá vem mudando muito com o aquecimento global”.

Outro jovem mais preocupado com seu patrimônio relatou que: “o que mais me faz querer ir para a cidade é a falta de investimento, meu pai que é trabalhador rural reclama bastante disso, ele diz que quando tem dinheiro no banco pra investir na plantação o banco pede um monte de bobagem.”

Estes trabalhadores rurais acreditam que possuem maneiras de financiar insumos e equipamentos para seus trabalhos, mas ao chegar às agências bancárias a quantidade de documentos assusta e faz com que, quem não tem muito conhecimento destes procedimentos, desista. Este fato reflete nos planos dos filhos destes trabalhadores rurais, já que observam seus pais sofrendo com a falta de investimentos.

Para alguns trabalhadores rurais do município de Quaraí que querem aderir a algum Programa ou realizar um financiamento tem à disposição o Sindicato Rural que os auxilia na documentação, facilitando a adequação dos interessados aos benefícios. Mas, mesmo assim, alguns ficam com receio de ocorrer algum desastre natural e perder a sua produção, não conseguindo quitar a dívida com o banco, ficando endividado como ocorre com várias pessoas.

Na segunda questão busco saber se a escolha dos alunos teve influência da escola em que estudam e de que forma, onde 14 alunos responderam que sim e 05 que não.

Os alunos que responderam que desejam seguir os estudos dizem que: “os professores nos influenciam a estudar, eles sempre dizem que para ser alguém na vida a gente tem que estudar bastante para no futuro ter uma casa boa e confortável e eles sempre estão falando dos cursos do Instituto Farroupilha que fica em Alegrete e é de graça”.

Questionada sobre o incentivo aos estudantes para realizarem cursos do Instituto Farroupilha a Professora Débora, supervisora da escola, disse: “nos anos anteriores a procura por cursos do Instituto Farroupilha era maior, a maioria dos alunos que concluíam o ensino fundamental na Escola João Tubino se preparavam para ingressar no Instituto. Só que ao retornar para Quaraí, já formados, não tinham campo de trabalho e acabavam sem emprego.

Os recém formados desta época foram embora de Quaraí, a maioria foi para o Mato Grosso trabalhar com soja ou administrar negócios rurais e os que não queriam e/ou não tiveram oportunidade de ir embora ficaram na zona urbana do município trabalhando no comércio em geral”.

Segundo a Professora Sonia, diretora da escola João Tubino, por causa desta falta de campo de trabalho para os recém formados uma grande parte dos jovens e dos pais destes jovens perderam o interesse do estudo no Instituto Farroupilha, e este interesse para estudar neste Instituto está se disseminando pelos jovens da área urbana.

Outro questionamento foi se desejam continuar os estudos e em que área pretendem se formar, entre os cursos mais pretendidos por estes estudantes estão professor com 02 alunos e cursos ligados a área rural (agrônoma, medicina veterinária, técnico em agroecologia, agricultura, etc) com 13 alunos, os outros 04 alunos não pretendem continuar os estudos.

Ao final destas entrevistas conclui que 73% dos estudantes entrevistados da área rural, depois de terminado o ensino fundamental, não querem continuar morando no campo e que 78% pretendem continuar os estudos e o restante quer trabalhar na cidade.

Um fato que chama a atenção é que 14 dos jovens entrevistados não querem continuar no campo após a conclusão do ensino fundamental, mas quanto à questão de número 04, referente à área em que pretendem se formar, 13 alunos responderam que desejam se formar na área rural.

Então observei que mesmo estes jovens não almejando morar no campo, eles querem de alguma forma, continuar ligados ao meio rural já que eles têm a possibilidade de especialização na área rural em cursos disponibilizados no município vizinho e também na modalidade à distância incluída recentemente no município. Estas oportunidades de estudos criam uma esperança destes jovens saírem do meio rural para estudar e empregar-se na zona urbana, não precisando radicalmente excluir o rural de suas vidas.

Ao analisar os dados considero que a escola rural, na medida do possível, cumpre sua tarefa, mas há de se considerar que ainda faltam muitas políticas públicas para atender adequadamente essa demanda social.

CAPÍTULO IV

PROJETO “FAMÍLIAS INSERIDAS NO CONTEXTO ESCOLAR” DA E.M.E.F. JOÃO TUBINO

Mesmo com estas dificuldades de manter o jovem ligado ao campo a escola em estudo possui um projeto chamado “Famílias inseridas no contexto escolar” que foi criado para compor uma parceria entre escola e família para que, diante disso, os pais não responsabilizem somente a escola pelo processo de educação de seus filhos e a escola também não pode abrir mão de seu trabalho de ser co-responsável na formação dos alunos.

Este projeto foi construído devido ao trabalho realizado no município pelo Programa A União Faz a Vida, este programa trabalha o resgate de valores, cidadania e cooperação, o que encaminhou o projeto da escola em estudo a ser direcionado ao resgate da família para o contexto escolar, buscando desenvolver responsabilidade, ética, espiritualidade e solidariedade, auxiliando na construção moral dos alunos.

O projeto da Escola João Tubino tem como objetivo geral contribuir para o processo ensino-aprendizagem do Ensino Fundamental, partindo da investigação e da conscientização sobre a importância da relação Família-Escola no processo educacional.

Como objetivos específicos a escola busca:

- Investigar estratégias que viabilizem ao aluno, a construção de sua identidade, autonomia com responsabilidade, conhecimento e exercício da cidadania, a partir da estrutura da família moderna e de suas relações com a instituição escolar;
- Colaborar para a conscientização da importância da relação Família-Escola no processo ensino-aprendizagem;
- Oportunizar situações de resgate de valores: responsabilidade, ética, solidariedade e espiritualidade;
- Promover a integração dos alunos e das famílias;
- Trabalhar cooperativismo através de trabalhos artísticos, dança, artesanato, horta orgânica e ervas medicinais.
- Trabalhar de forma interdisciplinar e contextualizada proporcionando ao aluno o contato com o concreto, realizando levantamento de dados, formulando hipóteses e soluções para possíveis situações problemas.

A execução do projeto é dividida por professores e por suas respectivas áreas de conhecimento, por exemplo, nas atividades realizadas pelos professores de geografia e história as famílias participam relatando os fatos históricos acontecidos na zona rural e também confeccionam cartazes comparando fotos atuais com fotos antigas.

Na área de ciências o professor realiza atividades sobre o cultivo orgânico, no qual as famílias trocam experiência.

O professor de educação física realiza uma trilha ecológica envolvendo os pais e alunos, artes e ensino religioso promovem a coleta de material reciclável para ser utilizado nas oficinas de artesanato.

Nas atividades cada um deverá promover ações cooperativas que visem à integração da família na escola, preservação do meio ambiente e cultivo de produtos orgânicos, trabalhos com regras incluindo os valores responsabilidade, ética, solidariedade e espiritualidade, envolvendo essencialmente suas turmas e a comunidade escolar.

Os professores desenvolvem e participam da elaboração das tarefas a serem realizadas no projeto escolar. Pais participam das atividades de maneira direta, através de oficinas, diálogo e encontros acompanhando e colaborando com os professores no desenvolvimento das ações visando uma educação de qualidade para seus filhos.

O cronograma para a realização do projeto relaciona as ações a serem feitas e os meses de realização. Nos meses de maio, julho, outubro e novembro são realizadas apresentações artísticas, danças e teatros, nestas mesmas épocas são feitos encontros com os pais que participam das oficinas, sendo esta atividade também realizada no mês de março.

As reuniões pedagógicas e os trabalhos extraclases como horta, jardim, pomar, composteira, minhocário, estufa e coleta seletiva do lixo são realizadas todos os meses referentes ao ano letivo.

Sobre o incentivo à permanência dos jovens no meio rural a diretora da escola disse: “desenvolvemos trabalhos direcionados à agricultura, para que isto sirva de incentivo para que os alunos não desistam de seguir a caminhada dos pais. Por isso, trabalhamos com preparo do adubo, plantação e coleta seletiva para que estes jovens percebam a importância que estes trabalhos têm nos dias de hoje, para garantir a qualidade de vida que todos almejam”.

Este projeto da escola é muito importante porque mantém as famílias inseridas no ambiente escolar onde a tarefa de educar os estudantes se torna mais fácil, repassando valores como responsabilidade, ética, solidariedade, cooperativismo e conscientização.

Mas este projeto não auxilia somente na educação e repasse de valores, auxilia também na preservação da identidade rural que muitas vezes é esquecida pelos jovens.

Mantendo o contato com a natureza, plantando, cuidando da terra e saboreando, na merenda escolar, o que eles mesmos produzem, possibilitando aos jovens verem o quanto é importante o trabalho no campo e que preservar tudo isso é um ato de carinho e respeito com o meio em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os meses de pesquisa busquei conhecimentos sobre o êxodo rural e a conseqüência deste nos dias de hoje, tanto na área rural como na urbana, ambas prejudicadas por este fato.

Penso que a alternativa é a fixação dos jovens no meio rural, por isso direcionei este trabalho para concluir se a educação consegue mantê-los no campo, uma vez que o campo está se tornando mais velho, pela saída dos jovens e a permanência dos pais ou avós destes.

Após a realização deste trabalho pude concluir que as escolas rurais por si só não podem mudar o pensamento e ações dos jovens que decidem morar na cidade. Para tornar efetiva essa mudança, além da escola, os pais devem apoiar e, acima de tudo, os jovens devem sentir a necessidade de continuar no campo, mas só isto não é suficiente.

Mesmo que a vontade do jovem seja de ficar no meio rural com seus pais, trabalhando em família, o sobe e desce dos preços dos produtos agrícolas não dão sustentação a esta vontade. Para os jovens é mais conveniente ir para o meio urbano, conseguir um trabalho que dê o mínimo para o seu sustento, do que ficar no campo trabalhando sem ter certeza se no fim da safra obterá lucros ou prejuízos.

Apesar de existirem programas do governo que auxiliam aqueles que tiveram prejuízo por causa da natureza (seca, enchente, etc.) estes recursos são demorados e, às vezes, insuficientes para continuar a vida no campo. Por isto que a maioria dos jovens não permanece no meio rural, pela incerteza financeira.

Então, mesmo que a escola faça projetos direcionados à permanência dos jovens no campo, estes não surtirão efeito enquanto a vida no campo não for melhorada.

Como opção de diferenciação de escola rural cito a pedagogia da alternância que é uma ação que possibilita aos estudantes e educadores uma forma de estudar as disciplinas do currículo escolar “normal” e de trabalhar com agropecuária. Esta modalidade educacional foi criada por camponeses da França e o objetivo era de evitar que os estudantes perdessem tempo no caminho demorado de ida e volta da escola para a casa.

Nesta pedagogia os alunos possuem disciplinas do currículo escolar, além de possuírem outras que visam à agropecuária. Este tipo de escola mescla períodos de internato na própria escola com outros em casa, onde os alunos colocam em prática tudo o que aprendem, durante o período de internato, na escola.

A alternância seria uma possibilidade de ensino diferenciado para o meio rural. Assim, seria interessante um estudo aprofundado sobre alternância, para depois, quem sabe, ela se tornar efetiva no Brasil.

Esta efetivação oportunizaria um conhecimento técnico e teórico importante para os jovens onde estes buscariam soluções para a manutenção de suas propriedades e juntamente com sua família, talvez, se estabeleceriam de vez no meio rural e tornariam efetiva a atuação da agricultura familiar, tornando-a mais forte e concreta do que é atualmente.

Claro que o uso da alternância viria como solução do poder público para a educação, já que esta pedagogia necessita ser bem planejada e aplicada de forma impar na área rural para que sirva, verdadeiramente, como solução para os problemas enfrentados no meio rural, tornando esse um ambiente justo e igualitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Antonio. **Contag defende melhoria das condições no campo para evitar êxodo de jovens**. Agência Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.agrosoft.org.br>> Acesso em: Fevereiro/2011.

BARBOSA, Anna Isabel Costa. **Escola no campo espera política de educação própria**. (Org) 2010. Disponível em: <<http://www.campanhaeducacao.org.br>> Acesso em: Janeiro/2011.

DAMASCENO, Maria Nobre. BESERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. Universidade Federal do Ceará. **Artigo**. In.: III Congresso de Antropologia Rural. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 73-89, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. (Org) **Jovens do meio rural discutem questões ligadas ao êxodo**. Escola Padre Manoel Gonzales. Divulgação Assessoria de imprensa da escola, 2010. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br>> Acesso em dezembro de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE –(Org). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: Janeiro/2011.

LUTZENBERGER, José A. **O absurdo da agricultura**. In: Revista Estudos Avançados. USP, Instituto de Estudos Avançados, Vol. 15, n. 43, São Paulo: USP, 2001.

MIRANDA, Ângelo Tiago. **Consequências e características das cidades**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br>> Acesso em: dezembro/ 2010.

MOREIRA, Roberto José. **Críticas Ambientalistas à Revolução Verde**. Estudos Sociedade e Agricultura, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>> Acesso em: Janeiro/2011.

NOVAES, Washington. **Dilemas do desenvolvimento agrário**. Estudos avançados, Vol. 15, n.43, São Paulo: 2001.

PALMEIRA, Moacir. **Modernização, Estado e Questão Agrária**. Estudos avançados, Vol. 3, n.7, São Paulo: 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUARAÍ. (Org). Plano Diretor do Município de Quaraí. Quaraí, RS, 2006.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. Disponível em <<http://www.ucpel.tche.br>> Acesso em: Fevereiro/2011.

WOLFF, Eliete Ávila. **Fundamentos psicossociais da formação de educadores do campo.** Porto Alegre, 2007. Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2007

APÊNDICE – Roteiro de Entrevistas realizadas com alunos da 7ª e 8ª série da E.M.E.F. João Tubino.

Identificação: _____

Idade: _____ *Série:* _____

A - No momento em que você terminar o ensino fundamental deseja:

01 - Permanecer no meio rural ou ir para a cidade? Por quê?

Respostas:

Aluno A – “ir para a cidade para estudar, trabalhar e constar o ensino médio e ser alguém na vida”;

Aluno B – “ir para a cidade seguir os estudos”;

Aluno C – “ir para a cidade para trabalhar em um emprego mais fácil como em veterinárias”;

Aluno D – “estudar na cidade”;

Aluno E – “ir para a cidade para trabalhar e cursar o ensino médio”;

Aluno F – “ir para a cidade para trabalhar, estudar, cursar o ensino médio e ser alguma coisa na vida”;

Aluno G – “ir para a cidade porque quero estudar para ser veterinária”;

Aluno H – “ir para a cidade porque quero seguir o meu estudo para ser alguém na vida”;

Aluno I – “ir para a cidade porque lá eu irei conseguir ter uma vida melhor”;

Aluno J – “ir para a cidade continuar meus estudos”;

Aluno K – “ir para a cidade para estudar”;

Aluno L – “permanecer no meio rural porque tenho que ajudar os meus pais”;

Aluno M – “ir para a cidade porque quero ter uma profissão”;

Aluno N – “há alguns anos atrás eu pensava em permanecer no meio rural, mas desde o ano passado estou pensando em seguir estudando porque nós observando quem estuda anda bem arrumado, num bom carro e o que não tem estudo anda mal arrumado e a pé ou de bicicleta”;

Aluno O – “permanecer no meio rural”;

Aluno P – “ir para a cidade porque quero ir para o quartel”;

Aluno Q – “ir para a cidade para ir aos bailes e trabalhar”;

Aluno R – “os dois, porque na campanha a gente ajuda a cuidar dos bichos e na cidade a gente se diverte e sai a fazer farra”;

Aluno S – “cursar o ensino médio e estudar muito porque hoje sem estudo a gente não chega a lugar nenhum”.

02 - A sua escolha teve influência da escola em que estudas? De que forma?

Respostas:

Aluno A – “sim, porque os professores influenciam os alunos a seguir estudando e a se formar”;

Aluno B – “sim, o apoio dos professores”;

Aluno C – “sim, porque todos os professores nos incentivam todos nós”;

Aluno D – “sim, pela orientação dos professores”;

Aluno E – “sim, com o apoio e esforços dos professores”;

Aluno F – “sim, porque os professores influenciam os alunos a seguir estudando e se formar”;

Aluno G – “sim, porque os professores influenciam os alunos a seguir estudando e se formarem”;

Aluno H – “sim, com o incentivo dos professores”;

Aluno I – “sim, sempre aconselhando para que nós possamos ter um futuro”;

Aluno J – “sim, de várias formas”;

Aluno K – “não”;

Aluno L – “a escola não tem influência”;

Aluno M – “têm de uma forma os estudos”;

Aluno N – “sim, os professores aconselham e dão exemplos e nós raciocinamos”;

Aluno O – “não, foi a minha influência”;

Aluno P – “não teve influência da escola”;

Aluno Q – “não”;

Aluno R – “sim, porque os professores estão influenciando”;

Aluno S – “sim, com a ajuda e apoio dos professores”.

03 - Deseja continuar os estudos ou não?

Respostas:

Aluno A – “continuar”;
Aluno B – “desejo continuar estudando”;
Aluno C – “sim”;
Aluno D – “sim”;
Aluno E – “sim”;
Aluno F – “continuar”;
Aluno G – “continuar”;
Aluno H – “sim”;
Aluno I – “sim”;
Aluno J – “sim”;
Aluno K – “sim”;
Aluno L – “sim quero continuar”;
Aluno M – “desejo continuar”;
Aluno N – “talvez sim”;
Aluno O – “desejo continuar os estudos”;
Aluno P – “continuar estudando”;
Aluno Q – “não”;
Aluno R – “sim”;
Aluno S – “sim”.

04 - Se respondeu continuar, marque a área em que pretende te formar:

- Educação (Professor)
- Rural (Agrônomo, Veterinário, Técnico em Agroecologia, Agricultura, etc.)
- Saúde (Médico, Enfermeiro, etc.)
- Informática (Engenharia da computação, Técnico em informática, Manutenção e instalação, etc.)
- Outra atividade: Qual?

Respostas:

Aluno A – “rural”;
Aluno B – “rural”;
Aluno C – “rural”;
Aluno D – “educação”;

Aluno E – “educação”;

Aluno F – “rural”;

Aluno G – “rural”;

Aluno H – “rural”;

Aluno I – “rural”;

Aluno J – “rural”;

Aluno K – “educação e/ou informática”;

Aluno L – “rural”;

Aluno M – “rural”;

Aluno N – “não tenho nem idéia”;

Aluno O – “rural”;

Aluno P – “rural”;

Aluno Q – “trabalhar em rapidinha”;

Aluno R – “ser da Corsan - Companhia Riograndense de Saneamento”;

Aluno S – “rural”.